ISSN: 2358-8829

PROMOVENDO SONHOS COMO FUTURO ANCESTRAL. FAZENDO FANTOCHES PARA CONTAR HISTÓRIAS QUE PROMOVEM APRENDIZAGENS INCLUSIVAS.

Maria Cecília Patrício [1]

1. Introdução

Este artigo é fruto de um projeto que tem como intenção trabalhar juntamente com os estudantes do 7ºs e 8ºs anos do Ensino Fundamental II a iniciação científica na matéria de História e como propósito resultar na multiplicação de pares, contação de histórias estudadas em sala de aula, reescritas em forma de atos, e com a confecção de bonecos de fantoche que foram realizados pelos próprios estudantes, com a ajuda da professora orientadora e uma artesã oficineira, professores e familiares envolvidos com a proposta, repassar essas histórias aos estudantes com dificuldades de aprendizado ou em situação que o dificulta aprender da mesma forma homogênea que todos os estudantes regulares recebem em sala de aula.

As bases da problemática que se apresentou para o desenvolvimento do projeto tem relação direta com a aprendizagem inclusiva. são elas:

Como a Iniciação Científica pode contribuir para o desenvolvimento das aprendizagens através da contação de história com o uso de fantoches?

Que histórias devem ser contadas pelos estudantes protagonistas?

Quem deve fazer as escolhas pelas histórias a serem contadas e confeccionadas?

Que elementos individuais (argumentos ou desejos) fazem com que os estudantes protagonistas do projeto (7º e 8º anos) queiram participar de um projeto em que eles irão ler, escrever, escolher, construir histórias e costurar fantoches?

A contação de histórias através do uso do fantoche confeccionado pelos estudantes protagonistas promovem a aprendizagem inclusiva quando direcionada para os estudantes com alguma deficiência e/ou outros transtornos de aprendizagem?

Como essa promoção de aprendizagem pode ser um diferencial na qualidade do ensino na unidade escolar, sendo protagonizada pelos próprios estudantes ao longo do ano?

[1] Graduada em Licenciatura em História pela UFPB, campus II (atual UFCG). Mestre e Doutora em Antropologia pela UFPE. Professora nos três níveis de Ensino (Fundamental, Médio e Superior). mcecpatricio@gmail.com;

ISSN: 2358-8829

Os objetivos do projeto inicial, que deu pontapé para este artigo, estão de acordo com as competências em foco para o desenvolvimento integral dos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental segundo a BNCC e as diretrizes do currículo oficial da rede municipal do Recife. Neste estudo, destaco, especificamente:

I - "Aprender e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva" através de leituras, debates do conteúdo, escrita e confecção de fantoches para a contação de história;

II - Desenvolver habilidades orais qualificadas dentro dos conteúdos e apresentação de trabalhos científicos;

III - Exercitar a imaginação, a curiosidade intelectual, inicial e conforme a maturidade dos protagonistas do projeto, incluindo a investigação, reflexão, análise crítica e realização das peças das histórias a serem contadas;

IV - Organizar textos científicos de forma simples e sucinta que possa contribuir para o desenvolvimento e maturidade de cada um; ao mesmo tempo que aprimorar a grafia, ortografia e caligrafia com o uso das produções textuais contínuas;

V - Organizar registros no Diário de bordo a cada encontro e descoberta;

VI - Organizar resultados em forma de confecção de fantoches e contação das histórias para outros estudantes;

VII - Organizar as sessões de contação de histórias com o público de estudantes espectadores (das mesmas séries, com dificuldades de aprendizado, de séries anteriores, familiares e comunidade) no ambiente da escola

VII - Organizar a avaliação (auto-avaliação e avaliação do público atendido pela contação das histórias) em forma de devolutiva da atividade realizada.

VIII - Apresentar os resultados na unidade escolar e na etapa da Feira de Conhecimento escolar e municipal. Além de participação em eventos externos de Educação e Ciência.

2. Metodologia

A metodologia utilizada para construir este trabalho, que inclui o projeto de iniciação científica, as práticas e este artigo, partiu de uma organização linear iniciando-se com a preparação de aulas e leituras dos estudantes sobre o que significa a Iniciação Científica e a construção de problemas levantados ao longo do projeto científico.

Os encontros aconteceram semanalmente (sexta-feira no turno da manhã) em Grupos de Trabalho. Inicialmente se deu ênfase a leitura e interpretação dos textos propostos para se entender sobre Iniciação Científica, Diário de Campo e Resumo a partir das normas cultas da ABNT. Após as leituras e discussões, foi necessário realizar registros em cadernos, diários de bordo de cada aluno, orientado pela professora do projeto em sua confecção e anotações de cada etapa realizada nos encontros e nas preparações.

O primeiro material de conteúdo utilizado para as primeiras dinâmicas sobre registro científico em Diário de Bordo foi o Diário de Piete Kuhr, alemão de apenas 12 anos de idade, onde relata na obra "Vozes Roubadas: Diários de Guerra (2008) trechos de seu diário no momento em que acontecia a I Guerra Mundial, estando ele na Alemanha. Lemos o material, discutimos como uma criança descreve sua inserção em um evento de tamanho porte e significativa importância para a história, e como cada um de nós pode também descrever sua vivência, seu cotidiano de forma leve e aprofundada. Utilizei Roberto Cardoso de Oliveira (1996) para explicar sobre o ver, o ouvir e o escrever em diários de campo e estimular os sentidos (olhar atento, ouvido sensível) para a correta descrição escrita no papel.

Desta forma, analisando a temática a partir dos escritos de Oliveira (na parte que discute o Olhar, ouvir e escrever, 1996), da Antropologia, é possível ver sentido com o que defende Abramovich (1997), da Educação, quando este relaciona a atividade de ouvir com o contar histórias, como arte que equilibra o que é escutado com o que é sentido, e com o que é interpretado nas vozes das personagens.

Paralelamente à discussão da temática da Iniciação Científica, problemas e hipóteses, houve a análise e representação do conteúdo ministrado em sala de aula, referente aos conteúdos do projeto. A fixação do conteúdo aconteceu nas aulas de História, enquanto confeccionamos os bonecos de fantoche. Esta etapa funcionou como prática de elaboração do material a ser utilizado para contação de histórias para os pares.

Sobre a etapa avaliativa, esta é mais uma etapa em que os que assistem e os que participam do projeto dão sua opinião sobre todo o processo de construção e participação nas leituras, construção textual e confecção dos fantoches a partir das oficinas. Segue-se as diretrizes da BNCC (2018) quando destaca a importância da contação de história e o resultado que ela produz no aprendizado da criança e, ou, do

ouvinte expectador, aqui também a família e a comunidade escolar, que precisou ser registrado em papel e também de forma oral, criando suas interpretações sobre o ouvido e vivido durante as apresentações.

O público alvo do projeto, da ação e do estudo como um todo, é bem variado. Inicialmente contamos com 20 estudantes protagonistas, selecionados do 7º ano (A, B e C), na etapa de construção, escolha e escrita dos diários de campo. Na etapa da construção das histórias para a contação, contamos com estudantes do 8º ano (B, C) estes que, também, participaram do Projeto Era uma Vez Brasil, do Ensino Fundamental II da E.M. Bola na Rede, e por isso estavam empenhados em construir Histórias em Quadrinho para este projeto.

O segundo grupo de estudantes, os espectadores e também avaliadores, são também dos 7ºs e 8ºs anos com alguma dificuldade de aprendizagem (ou deficiência/atipicidade) que possam ser público das contações de história com uso de fantoches. Estudantes de outros anos (6º e 5º anos do Ensino Fundamental) também são ouvintes das contações de história, assim como avaliar o projeto de contação realizado pelos estudantes que confeccionaram, contaram dos 7ºs e 8ºs anos. Os familiares e a comunidade escolar também são público ouvinte, composto por familiares e comunidade escolar, que acompanharam a realização do projeto desde o segundo momento, o da confecção de fantoches, no corte e na costura das peças, e no ato final, as apresentação das histórias contadas com o uso dos fantoches e cenários confeccionados pelas crianças, nas etapas de Feiras de Conhecimento, escolar e municipal.

3. Resultados e Discussão

As histórias da contação, escritas, costuradas e oralizadas, foram cuidadosamente escolhidas por nós, estudantes e professora, durante as aulas de História, pois a temática dos anos em curso são muitas e cheias de entrelaces que merecem atenção e amadurecimento no diálogo para poder se transformar em linguagem dos estudantes que irão repassar, oralmente e ludicamente, a outros estudantes. Foram estes os conteúdos escolhidos: Expansão marítima europeia; Medo no Ocidente - monstros marinhos e povos “primitivos”; Povos ancestrais - indígenas e africanos; Processo de colonização nas Américas.

ISSN: 2358-8829

Dentro destes conteúdos, histórias foram criadas para se tornar cenas e diálogos entre as personagens costuradas pelos estudantes, com a ajuda da artesã oficineira e da professora envolvida no projeto. Os fantoches criados foram de: Colonizadores - homens e mulheres; Indígenas, despidos e vestidos; Africanos escravizados, negros em fuga; Embarcações - navios e bandeiras (dos países colonizadores); Animais marinhos - "monstros" (tubarão, onça, cobra do mar, serpente, boto rosa); Cenário - mar, ilhas, praia, céu, cruzes, floresta, rios; Estrutura do Teatro de fantoches (confeccionado de tecido, de feltro, de papelão ou madeira, mdf, lona plástica). As histórias, pensadas, escritas e reescritas[2] ficaram assim:

1: Alto mar, embarcações portuguesas e de outros países da Europa (Holanda, Inglaterra e Espanha) estão navegando em direção a América.
Cenário: Mar e Monstros
Personagens - Narrador, Colonizador, Padre
Narrador: ERA UMA VEZ … Na época em que os portugueses aqui chegaram, era o ano de 1500, século XVI (16)
(aparecem os barcos)
depois de um mar cheio de bichos estranhos…
(aparecem os bichos),
A população que vinha nos barcos da Europa sempre registravam e desenhavam em seus cadernos os animais que viam nas águas do Oceano.
(continua aparecendo os animais)
Colonizador: - Valha-me Deus! Que cousas tão estranhas são estas que vemos no mar! São monstros!
Padre: - Misericórdia! Tá repreendido!
Colonizador: - Dai-vos pressa, homens! Não afrouxeis o caminho! Mais rápido!
(aparece os barcos)
Colonizador: Se aprouver a Deus, chegaremos logo a terra. Terra! Terra à vista!

2. Como os colonizadores, homens brancos constroem a imagem do indígena ao longo da história do Brasil?
Personagens: Colonizador, Padre, Soldado e indígenas (5 indígenas)
Colonizador: Vede! Que gente será esta? Por certo nom parecem mouros nem cristãos.
Creio que chegamos às Índias que buscávamos.
Olha lá! O que é aquilo? Um animal? Um bicho? Um toco? … É um índio! Chegamos à Índia!
Padre: Quem são eles? Cadê a roupa deste povo? Que falta de vergonha! Cubram eles!
(Coloca o vestido branco no indígena)
Colonizador: Andam nus sem nenhuma vergonha, assi como nasceram. Índio pervertido! Cubram eles!
Vede suas armas e lanças!
Eles estão resistindo! São selvagens! Bala neles, soldado!

[2] Sobre as histórias, conseguimos realizar a tradução das falas dos colonizadores e homens brancos para a língua portuguesa de Portugal através da tradutora Maria Eduarda Rittiner.

ISSN: 2358-8829

(Soldado atira. Som gravado) - pei, pei, pei
Soldado: Eles estão resistindo. São bárbaros! (sangue)
(aparece os animais da floresta junto dos indígenas e o homem branco se assusta)
Colonizador: Guardai-vos deles! Guardai-vos deles! Prenda-os!
(o homem branco, o colonizador e o soldado prendendo indígenas)
Tomai-os e levai-os conosco.
Convém apartá-los e pô-los em aldeamento.
Vamos separar, reservar, aldear. (apontando para a missão - a reserva com a igreja)
Indígenas (tossindo, espirrando, cambaleando): Estamos fracos, doentes! Vamos fugir!
Colonizador: Que gente tão fraca e enferma se tornou! (rindo) Meu Deus! Eles estão muito engraçados! Parecem bobos, que crianças!
Narrador: Indígenas tontos e caindo no rio, sendo facilmente presos, alguns conseguem se esconder na floresta…).

3. Cenário Floresta com árvores
Fuga de duas indígenas para o Quilombo. No meio do caminho encontram Yara, a sereia, que as ajudam a fugir pro quilombo e ficar junto com os negros fugitivos da escravidão.
Personagens - O branco, o soldado
Indígenas (1 e 2)
Yara
Narrador: Quando o Brasil, desde 1500 sendo colônia de Portugal, mas também no período do Império, ou seja na Monarquia brasileira quando nosso país tinha reis e rainhas dominando nosso território, mesmo tendo se tornado Independente daquele país europeu que nos dominou por tanto tempo…
Lá na Floresta Amazônica….
Homem branco: - Após elas! Peguem ela! Peguem ela! Nom consintais que escapem!
Indigena 1 - Vem por aqui! A gente vai escapar!
Indígena 2 - Tô indo! Tô indo!
Narrador: as duas entram no rio)
Indígena 1 - Olha ali! Olha ali! (apontando)
Indígena 2 - É Yara! Olha a Yara!
Narrador: A Yara aparece)
Narrador: A Yara era uma mulher indígena muito bonita com os cabelos bem escuros e brilhantes. Ela lutava de igual para igual com qualquer um que se aproximasse e tentasse dominar , abusar ou violentar sua comunidade indígena. Um belo dia, ela percebendo a inveja e os maus tratos de homens de sua própria família tentou se defender e acabou por ser amaldiçoada e mudou totalmente: Seus cabelos ficaram dourados e seu corpo ficou mais escorregadio. Com medo de ser tomada pela maldade, ela se jogou na água e se transformou em uma sereia belíssima, mas muito diferente de antes.
Homem branco: Correi, que já vão longe!
Yara - Venham por aqui!
Narrador: As indígenas 1 e 2 vão com ela para o outro lado do rio)
Indígena 1 - Obrigada Yara pela ajuda!
Yara - De nada!
Narrador: Do outro lado do rio elas avistam o Quilombo com pessoas negras acenando para elas)

Indígena 2 - Encontramos o Quilombo!
Indígena 1 - Agora é nossa casa!
Indígena 2 - Somos um só povo! Conseguimos!
Narrador: Enquanto isso, o homem branco e o soldado jogam veneno no rio… atiram-se no rio para ver se alcançam as indígenas.

4. (História continuativa, mas incluindo o Boto)
Narrador: Enquanto isso, a Yara volta contente pelas indígenas terem se salvado e vê o boto cor de rosa junto com as vitórias-régias na floresta. Os homens brancos gritam:
Homem branco: Que animal é este que nunca dantes vimos? Segui-o! Segui-o!
Homens brancos, soldados: Peguem a lança, atirem!
Homem branco 2 : Não, é um boto cor de rosa! pode ser o único à vista.
(Deixaram a lança e saíram correndo)
Narrador: A Yara sentindo o cheiro muito forte do veneno acabou chamando o boto cor de rosa para lhe ajudar. O boto aparece no cenário. Foi para a outra margem do rio para chamar a atenção dos brancos que ficaram curiosos e correram atrás dele.)
Boto - Vai, Yara, enquanto eu os distraio!!!!!!
Homem branco 1- Nom percamos seu rastro! Perdemos ela de vista! Vamos atrás deste Cor de Rosa!
Boto - O que eu faço agora? Estão vindo atrás de mim! Salvei elas, mas agora estou em apuros!
O homem branco 2 - Atirem neste golfinho! Ele é muito estranho!
Narrador: Enquanto isso, dentro da floresta um som ecoa ao longe. São as pessoas do Quilombo recebendo as indígenas que haviam fugido dos homens brancos e salvas pelo Boto.
Homem branco 1 - Que grande rumor vem da mata? Que barulho é esse? Que zuada é essa? Ahhhhhh. Irei ver que gente faz tamanho alvoroço! Vou até eles, mas preciso de disfarce!
Narrador: Os homens brancos colocam seus casacos ao avesso e ficam parecidos com outros seres com as capas aparentemente rosa. Eles entram na mata atrás do som e começam a ver os seres da floresta - Mapinguari, ciclope, onças…)

4. Referencial Teórico

Acerca do que se pode desenvolver inicialmente sobre a temática, é possível entender que autores clássicos como Ailton Krenak fornece arcabouço teórico inicial na escolha. Primeiro porque este teórico, homem indigena que já ocupou cargo político no Brasil pela região mineira em que habita seus parentes Krenak, escritor e ativista dos Direitos Humanos, nos proporcionou entender um pouco sobre o sonho do ponto de vista da teoria indigena. Segundo, porque o projeto partiu de uma ideia inicial em que deveríamos ler literatura indígena casada com os conteúdos de Sustentabilidade e de História nos 6ºs anos (em 2025).

O sonho, para este autor, é "uma instituição que admite sonhadores" (2020, p. 17), estes como guardiões que apontam para um futuro anunciado, porque o sonho que

se sonha ao fechar os olhos (e dormir) é para o futuro, mas vem de um passado que foi revelado nesta condição do fechar os olhos, ou seja, “sonhos premonitórios” mesmo com olhos abertos, observando a realidade devastando-se pelas mãos de homens brancos e sua “humanidade” destruidora, em nome do “progresso” que destrói o terminal nervoso que é a natureza. Um “(...) sonho como instituição que prepara as pessoas para se relacionarem com o cotidiano” (p. 18).

Mas sonho também como “regime cultural” que é contado e recontado, como “lugar de veiculação de afetos” pois afeta o mundo sensível e o mundo real quando é apresentado, e apenas depois de ser contado que se pode começar as outras rotinas do dia.

Sonho que se apresenta sempre em interação com os “outros” próximos, porque vive-se “em constelação”, em parentela, assim como criando afinidade com outras criaturas da natureza viva (rios, plantas, fenômenos como o vento…).

A contação de história que se propôs no projeto vem com essa pegada de contar sonhos que foram realidade em um período histórico, os sonhos dos colonizadores (o medo e a realidade que acessaram com a expansão marítima e colonização), e ao mesmo tempo a construção de um futuro baseado em um passado estudado pelos estudantes e presentes na literatura indígena, como a de Krenak em sua obra, como realidade vivida e apreendida, e ao mesmo tempo criticada através da oralidade dos mesmos estudantes, leitores e construtores do material usado no teatro de fantoches, um futuro ancestral.

A contação de história pode ser um ato de libertação, conforme disserta Albuquerque (Revista Construir, n. 108, 2019), pois cada conto reproduzido é recontado e se mostra como diálogo, não apenas porque a história contada depende dos interlocutores, mas que aponta a um diálogo aberto e crítico por parte dos receptores, não passivos, ou seja, não só ouvintes. Isso contribui para a responsabilidade da educação, com o uso da contação, para a formação de um ser humano “digno, fraterno e justo”.

E foi o que aconteceu ao longo do processo de leitura, escolha e costura dos fantoches para a contação de histórias… aprender, fazendo (Ullmann, 1991) com a ajuda dos mais velhos que transmitem conhecimentos práticos e ensinam o que precisa através da intervenção no mundo. Em nosso caso, os mais velhos são professores,

ISSN: 2358-8829

oficineira[3], e a família que ajudou nas dicas e acompanhamentos da confecção dos fantoches (Freire, 1996) que é o que faz a educação, realizada pelos estudantes ao ouvir, debater, intervir, construir histórias para serem contadas a seus pares, também estudantes.

Os saberes ancestrais são saberes que nos vem através de oralidades e de registros de nossos antepassados, e nos foi passado através da cultura, da educação (Ullmann) de como os mais velhos, anteriores a nós, nos transmitiram as histórias, as estórias, os contos e o que acontece e aconteceu na vida de cada um e cada uma que veio antes, do mundo e das coisas que nele existem. Ou seja, transmitiram o que receberam de seus antepassados, o que viram com os olhos e a linguagem da cultura em que se formaram, em que aprenderam e passaram para seus descendentes, geração à frente, em forma de contar o que havia de importante a ser contado.

Roque Laraia (1986) disserta sobre como aprendemos na cultura através de situações de condicionamento cultural e a partir da lente na qual enxergamos nosso mundo, que fazem parte, seja em termos de transmitirem um condicionamento que receberam e repassarem suas leis aos mais novos.

Concordo que o contar histórias é uma arte, como defende Abramovich (1989), e um dos pontos fortes na atividade de fantoches e contação de histórias é "desafiar as crianças a criar os seus próprios fantoches" com a imaginação solta, não interessando a perfeição e sim a criatividade que interfere na dimensão, tamanhos e personalização dos bonecos, o que consigo identificar como próximo ao que realizamos neste projeto.

Desta forma, concorda-se com Laplantine (1997) quando afirma que o imaginário é mais real do que a realidade concreta que ali foi usada para construir os fantoches e representar as histórias, habitando os livros consultados. Imaginário esse que se relaciona com as histórias, principalmente em uma das temáticas que valoriza como o europeu pensava e descrevia sobre as navegações e o novo mundo a ser colonizado, as Américas, destacando o "Medo" no Ocidente, ultramarino.

Nisso se destaca o "Era uma vez" como princípio de tudo, tal como defende Moura e Vieira (2025) utilizando Vygotsky (1998) para afirmar que a contação de história seduz, atrai e encanta através da forma como é contada, e com isso desenvolve funções como a "atenção, memória, abstração, capacidade de comparar e diferenciar"

[3] Contamos com a ajuda da Oficineira Vilma, moradora da comunidade de Bola na Rede e membro da Associação de Mulheres da comunidade.

(Moura e Vieira, p. 12). Serve para socializar, conforme defende Abramovich (1989) desenvolvendo sensibilidade e criando empatia (Gabriel e Correia, 2021) pois estreita os laços, cria afinidades, entre os participantes da contação e, também entre os humanos e as personagens das histórias contadas, assim como também com o público que assiste.

Quem assiste, também, vivencia a magia, entrando nas histórias, "descobrindo outros lugares, outros tempos, outros jeitos de ser, outra ética, outra ótica (...) [e com isso] aprendendo [e relembrando] as matérias escolares de uma outra forma" (Abramovich, 1989) e, quem sabe, transmitindo aos seus o que ouviu e viu, pois, concordando com Costa (2019) "a humanidade cria histórias sobre tudo o que vê, imagina e percebe do mundo" (p. 17), ouvindo, vendo, recontando o que foi contado pelos estudantes, que aprendeu nas leituras e construção das histórias aprendidas com a escola. Enfim, criando identidades com a atividade construída e reconstruída no ambiente escolar e com a disciplina e personagens de História.

5. Considerações Finais

Considerando a não finitude do projeto que deu início a este artigo, é importante destacar aqui alguns apontamentos que vão na direção da qualidade deste estudo e da prática educativa que ele desenvolveu entre os estudantes. Uma delas tem ligação direta com o desenvolvimento da sensibilidades, científica, teórica e prática, vivenciada a cada encontro e oficina prática oferecida e compartilhada por todos os envolvidos.

Uma das sensibilidades tem a ver com o desenvolvimento da escrita sobre o que se leu, o que se ouviu e viu nas atividades realizadas e nas dependências da escola (E. M. Bola na Rede) colocando em prática a partir da leitura do Diário de Pieter Kuhr (2008) e sua relação com a obra de Roberto Cardoso de Oliveira (1998) como é possível escrever sobre o que se vê no cotidiano, seja aquele no contexto da II Guerra Mundial na Alemanha, ou em nossa situação sobre o que os olhos e os ouvidos captam, além das percepções sobre o aprendizado adquirido nas oficinas, descrito nos diários dos estudantes como um dos objetivos alcançados.

Uma outra sensibilidade desenvolvida foi a inscrita a partir da pele e da representação sobre o ato de costurar os fantoches - cortar, alinhavar, dar nó na linha, usar a tesoura, colar, espetar os dedos, costurar a pele, arrematar a costura e falar sobre a atividade que as avós, as mães, as vizinhas artesãs, ou seja, figuras femininas, já desenvolveram um dia, ou desenvolvem ainda, e que agora está sendo sentida de uma

outra forma pelas crianças do projeto, principalmente dos meninos que não tem costume de realizar atividades ditas femininas. Um ponto interessante é a escuta, ao longo dos encontros, sobre como as figuras femininas da família interagiram ajudando no aprendizado sobre agulhas, linhas, tesouras, tecidos e técnicas de confecção dos fantoches, na medida em que vamos aprendendo juntos e quebrando tabus sobre estereótipos de gênero. Os familiares acompanharam algumas oficinas, até porque trata-se de estudantes de menoridade, e alguns ainda são levados e buscados na escola por seus responsáveis, estes importantes para a etapa avaliativa, não separada das demais etapas.

Sobre as sessões de contação, nos ensaios, valorizamos a leitura, trabalhamos a entonação e intensidade de voz, os intervalos entre as falas e as expressões linguísticas em português antigo (de Portugal), atividades relacionadas aos elementos da prosódia em português (interdisciplinar). Foi observado melhoras significativas no controle da respiração, na dicção de alguns estudantes que apresentavam dificuldades relacionadas a cinestesia e aos elementos cinésicos, como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial e contato visual com a platéia. Ou seja, alguns estudantes não se expressavam muito bem na fala, não tem facilidade no controle da altura da voz e, com a atividade melhoraram no tempo de cada fala significativa da personagem, seja na fala do colonizador, do indígena, dos religiosos (padre) ou do povo escravizado negro.

No tocante a contação em si, fizemos a gravação em estúdio apropriado para tal, porque sentimos que a contação sendo ao vivo, ia dar problema no controle do tempo e adequação entre técnica de performance nas mãos das crianças e as falas das personagens de cada fantoche. Não sendo possível o público entender cada cena.

Na parte avaliativa, aconteceu de forma contínua desde o início do projeto com as aulas e apontamentos escritos no diário de campo até a reação do público nas histórias apresentadas. No tocante a divulgação, apresentamos este trabalho no CONEDU 2026, no Seminário de Práticas Exitosas da Prefeitura do Recife e na Fecon municipal.

Palavras-chave: Contação de história; Aprendizagens inclusivas; Fantoches;

6. Referências

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1989.

ABRAMOWICZ, Mere. Paulinho: o menino que escreveu uma nova história. Godoy. São Paulo: Cortez, 2010.

ABNT, NBR 9050 2015. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em www.abnt.org.br.

ALBUQUERQUE, Targélia. FALCÃO. Rosa. A contação de histórias à luz de Paulo Freire: uma estratégia de formação docente do Ensino Fundamental. IX Seminário Paulo Freire - VII Encontro de Cátedras e Grupos de Estudos - Leitura de Mundo e Educação: Tecendo caminhos do inédito viável. Revista Construir, 2019.

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

COSTA, Valderio. Ancestralidade: o passado e o presente no ato de contar histórias. In: Governo do Distrito Federal. Secretaria de Estado de Educação (org). VII Plenarinha: brincando e cantando com histórias, 2019. Disponível em: http://www.se.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/02/guia_vif_plenarinha_9abr19.pdf. Acesso em: 06 de jun de 2020.

FALCÃO, Rosa Costa. ALBUQUERQUE, Targelia de Souza. A avaliação na educação infantil: uma abordagem à luz da pedagogia de Paulo Freire. Fafire tradição e modernidade. 2016. REVISTA LUMEN.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz, 1996.

_____. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 43. ed. São Paulo Cortez, 2002.

GABRIEL, Denise. CORREIA, Monnayne. A contação de história para desenvolver o processo do conhecimento das emoções na primeira infância. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia no Centro Universitário Maurício de Nassau, campus Olinda, 2021.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____ Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KUHR, Piete. Trechos extraídos da obra Vozes Roubadas - Diários de Guerra, 2008. Disponível em: https://materiaisdehistoria.com.br, 2023. Acesso em fevereiro de 2026.

LAKATOS, Eva. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Ed. Atlas, 2010.

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo, Brasiliense. 1997

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOURA, Nilva. VIEIRA, Leandro. A contação de história e os percalços de formação enquanto professor. IV Congresso de Educação do CPAN. III Semana integrada de Graduação e Pós Graduação do CPAN: Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial do professor. UFMS, CPAN. ISSN: 2596-2531. Mato Grosso do Sul, 2025.

MUNDURUKU, Daniel. Vozes ancestrais. Dez contos indígenas. São Paulo, Ed. FTD, 2016.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de Oliveira. O trabalho do antropólogo. Brasília: Paralelo Quinze, 1998.

SISTO, Celso. Texto & pretextos sobre a arte de contar histórias. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. Antropologia: o homem e a cultura. São Paulo: Ed. Vozes, 1991.